

VERANILTA ALVES

**COLEÇÃO
CUIDAR E
PLANTAR
A TERRA**

**nunca parei
de plantar**



COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

Nunca parei de plantar
Veranilta Alves

pesquisa, edição e fotografias:
Mariana Oliveira

Realização:
Programa Encontro de Saberes UEMG
Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG
Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:
Edital PAEx/UEMG 01/2022
Edital PROEx/UEMG 04/2022

ISBN:
nº 978-65-00-97637-3

setembro
2023



A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.

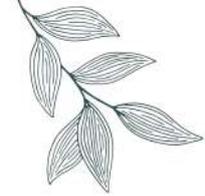


Nunca parei de plantar

Veranilta Alves

Quintal e horta no Ribeiro de Abreu, Belo Horizonte (MG)





Moro em Belo Horizonte tem 35 anos, mas sou de Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha. Lá minha mãe trabalhava na roça e meu pai em lavra. Eu ia na roça com a minha mãe desde pequena: ficava embaixo do pé de mandioca olhando minha irmã enquanto ela ia plantando. Lá não tinha hortaliça, agora que o pessoal está aprendendo a plantar. Plantava e comia era mandioca, milho, feijão, arroz, mamão verde cortadinho, abóbora, quiabo. **Então desde pequena que mexo com horta, não vivo sem a terra não.**

Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte em 1979 eu fui morar em um barracãozinho e eu fiquei perdida com isso. Não tinha uma cebolinha, não tinha nada. Fui trabalhar com uma menina e perguntei a ela: 'onde eu consigo uma mudinha de cebolinha?'. Aí ela: 'ah, eu vou trazer para você', ela era de Sabará. Ela trouxe e eu plantei em uma bacia, e plantei também salsa e um pé de couve. **Ganhava uma muda e ia plantando.** Eu morava em um cômodo só, não tinha lugar, então plantava tudo em vaso.



Em 1983 eu comprei aqui no Ribeiro de Abreu. Foi um sacrifício, mas meu pai aceitou e compramos. Eu vim primeiro, construí três cômodos e aí trouxe meus pais. Quando mudei o ônibus nem vinha aqui, era só lá embaixo na br. A luz era emprestada de uma casa lá de cima. **Aqui tinha muito mato e córrego próximo, e era tudo caminhos, não tinha rua.** Foi ter rua foi quando o Patrus ganhou como prefeito e aí veio o orçamento participativo. **Ficamos sempre lutando e cobrando, tudo eu participava.**

Quando minha mãe chegou a primeira coisa que fez aqui foi plantar, ela gostava. Ela já chegou e falou: 'vou fazer uma horta'. Aqui nem tinha água, mas ela ia guardando a mais limpa de quando lava a roupa para molhar o quintal. A primeira coisa que plantou foi mandioca, que era o costume da gente lá, e também feijão andu, milho e arroz, tudo de lá: era o que tinha para plantar. Aqui era um brejo e colhemos quase uma saca de arroz. **Minha mãe também começou a criar galinhas porque a gente tinha lá na roça. Até porco já criamos aqui, agora nem pode mais.** Lourdinha minha vizinha tinha vaca: a gente comprava leite era na mão dela. **Minha mãe e meu pai faleceram, e eu continuei plantando.** Eu nunca parei de plantar, eu toda vida plantei. Minha filha gosta de comer milho assado? Planto. Gosto de comer o feijão verde? Planto. Tem quiabo? Planto. Eu vou plantando.



Eu já plantava mas eu nunca vendia: eu doava aquelas sacoladas. Em 2011 para 2012 o Daniel da REDE veio fazer um trabalho aqui de levantamento de quintais. Ele falou como colher para vender, levava os ovos e vendia, foi bom. Comecei foi vendendo cesta e depois que começou a ter feira eu ia de metrô levando as coisas para o Santa Tereza (BH). Eu continuei nisso e estou lá até hoje. Aqui no Ribeiro de Abreu todo mundo tem um quintal, então um ovo ou alguma coisa que tem dos vizinhos eu levo para a feira para vender para eles. **Conheço muitos moradores antigos e cada um faz uma coisa, aí vamos inteirando. É através das plantas que eu vou seguindo a vida e sendo reconhecida.** Sou aposentada e é com a feira que eu ajeito as coisas. Levo o que está tendo, tudo que tem eu levo um pouco.

Então esse tamaninho aí de horta, já me ajudou demais, muito mesmo. Como o espaço é pequeno a terra fica cansada de muito cultivar, então faço rodízio com os canteiros, jogo esterco, capim e folhas para cobrir, faço compostagem em caixa, minhocário, tudo para a terra continuar boa. Encontro sempre minhoca e tatuzinho na terra. De manhã molho as duas hortas. A tarde muitas vezes meu marido molha uma e eu molho a outra. A gente limpa, forra os canteiros, afofa. **Fico feliz demais com as plantas, nem gosto de ficar muito tempo fora de casa: fico ligando para saber se molhou e se deu comida às galinhas.**



É muito importante a planta porque ela dá sombra, dá vida, dá alimentação. Eu não sei viver sem mexer na terra. Eu gosto de plantar e eu gosto de trocar. Em cada lugar vamos levando e trazendo sementes. Eu também guardo semente, até já fui guardiã. Ganho muita muda, às vezes nem tenho mais onde plantar, mas aí vou dando. Coentro, mostarda, almeirão e salsa deixo dar semente e quando chove elas brotam na terra. Outras vou tirando para plantar depois.

Eu sempre converso com as plantas, converso com todo mundo: "olha como está bonita, Deus abençoa". Peço para vingar e ficar sadia. Precisa pedir a Deus para nascer bem, não é a gente. Quando estou pegando, pego só um pouco e agradeço, "obrigada". Quando está cheia de pulgão eu cuido e peço para ficar boa. Aqui nasce muita coisa, tudo é de tempo, é Deus que dá. Maria gondó vem mais quando chove e de setembro para frente nasce muita serralha, beldroega, vinagreira. Essas que saem e são comida e remédio me ajudam muito. O povo fica: 'ô dona Vera, arruma maria gondó pra mim'. Aí eu digo: 'isso daí não adianta plantar, é Deus que me dá, do jeito que ele quer, no dia que ele quer, não é a gente. Não adianta plantar, não nasce'.





O ser humano tem mania de cimentar tudo, mas ninguém vive sem a terra. A gente nasceu com a terra e nela vamos morrer. Hoje os pais estão criando os filhos com medo de galinha, de cachorro, de terra, de porco... os pais precisam ensinar que isso faz parte também: precisa ter os bichos, as plantas, precisa plantar para comer. Tem criança que acha que o ovo vem do sacolão. As pessoas não têm essa coisa de plantar e por isso o grande ganha muito, porque ele bate muito veneno, exporta o bom e o ruim fica para nós. As escolas tinham que ensinar mais as crianças a plantar e cuidar das plantas.

Gosto de fazer mudas na caixa de leite para incentivar os outros a plantar: quando dá já produzindo, a pessoa cuida mais. **Acho que se tivesse mais terra, mais gente na cidade plantava, mas também tem gente que tem terra mas não planta.** E tem gente em favelas e comunidade que não tem espaço, mas você vê plantando. Queria muito fazer um projeto para ensinar as crianças a plantar em pequenos espaços. Não é porque você não mora em uma casa que você não pode plantar uns dois pés de couve, cebolinha, salsinha, coentro e um pé de jiló. **Tudo que você planta dá um tiquinho. Eu gosto muito de mexer com a terra. A agricultura é um pouco de tudo: é terapia, é arte, é vida.** Você plantando você sente que está bem: plantar é tudo na vida da gente. É uma alegria você amanhecer e ver que tem uma planta bonita, saiu um tomatinho, ver a flor bonita da vinagreira, ver o alecrim crescer... Tudo isso é uma vida.

